



"Sobre a Cidade", 1918
Marc Chagall

Congresso da Febrapsi teve 1.744 inscritos e “excelentes trabalhos”

Mirian Ritter

Presidente da SPBsb

Após longa reflexão, apresento um relatório que escrevi sobre 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Campinas, no período de 1º a 4 de novembro. No todo, a meu ver, foi um belo congresso tradicional, com temas novos, caprichosamente organizado num centro de eventos enorme, com o número de participantes como nunca se viu, no total foram 1744 inscritos. Se inscreveram pessoas de todo país, do Amapá até o Rio Grande do Sul. Observei que antigos psicanalistas, aqueles que estão batendo na casa dos 80 anos, e mesmo com pouquinho menos, eram poucos. Senti falta de importantes analistas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Lembrei do tempo em que pertencemos à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e de como fomos bem atendidos quando éramos filiados a ela. O pertencimento a São Paulo foi um longo período de 1970 até 1994 e, como filhotes agradecidos pelo farto alimento, demoramos a fazer o desmame. Recebemos muito da Sociedade de São Paulo, com psicanalistas sempre dispostos a vir a Brasília e nos receber na capital paulista. Não posso esquecer da nossa Virgínia Leone Bicudo, que um certo dia decidiu vir ao Planalto Central, enfrentar a secura do nosso cerrado e organizar o primeiro grupo de candidatas à

formação psicanalítica. Virgínia realizou seu sonho e esse frutificou.

Hemerson Ari Mendes fez seu discurso de abertura do Congresso como presidente da Febrapsi. Fico imaginando sua satisfação ao ver a multidão de quase 2.000 pessoas aguardando a abertura do evento. Ele agradeceu aos que organizaram e se envolveram na realização do Congresso e fez uma citação de um trecho da carta de Freud a Pfister: “A gente precisa (...) se comportar como artista que compra tintas com o dinheiro do orçamento doméstico da esposa, ou aquece o ambiente queimando os móveis da casa. Sem tal dose de criminalidade não há produção correta. Frase bonitinha para ser citada, entretanto, nada fácil de ser vivida. Apesar das angústias e incertezas, queimamos capital intelectual e afetivo na esperança de que o calor produzido viabilizasse as condições possíveis para o desenvolvimento do clima mais fecundo para nossas trocas. Sim, sem isso não há revolução, não há psicanálise ou construção de Congressos”.

Tivemos um congresso com clínica. Um congresso com muitos jovens ávidos em entender o que vem a ser psicanálise, sua teoria, sua técnica, sua clínica. Foi um congresso enorme,

com excelentes trabalhos apresentados, muitos cursos, muitos participantes. Os auditórios ficaram cheios e muitas salas, menores, não puderam receber todos os congressistas interessados. Haja orientação espacial para dar conta no início dos “endereços” das palestras, cursos, casos clínicos, teoria e técnica. Para se conseguir um lugar em uma determinada “palestra escolhida a dedo”, era preciso entrar em longas filas com meia hora antes e muitas vezes sem sucesso.

Psicanálise e política

Cíntia Xavier de Albuquerque proferiu palestra cujo título foi “Psicanálise e Política - Como pensar essa relação?” Começou falando sobre o significado de política, suas várias finalidades, o que é poder político e suas principais características, principalmente a possibilidade de uso da força física. Em seguida, falou sobre a guerra atual entre Israel e o Hamas e o impacto sobre todos, mas focou nos nossos grupos de psicanalistas, bem como no Observatório Psicanalítico da Febrapsi, que tem servido de espaço para encontros e desencontros em momentos dolorosos vividos nos últimos anos.

Em seguida, Cíntia citou o tema do Congresso de Cartagena “A mente na linha de fogo”,

comentando que o mundo mudou de tal maneira nos últimos 40 anos, que viver tornou-se um desafio frente ao qual o pensar está sempre atrasado. Ao final, mencionou a importância da psicanálise, que segue tratando dos humanos, falando de afetos, desejos, dor, satisfação, intimidade, insegurança, confiança etc.

Observei que após a palestra os participantes continuaram a comentar e discutir o que foi apresentado pela Cíntia. Foi uma apresentação que fez as pessoas pensarem sobre psicanálise e política.

Lúcia Passarinho participou de duas mesas. A primeira foi sobre o projeto da Comissão de Psicanálise Casal e Família, onde fez um apanhado sobre as origens desse tipo de atendimento e suas teorias que norteiam o trabalho. Comentou que após a pandemia do COVID-19, a demanda por atendimento de casal e família aumentou expressivamente. Para Lúcia, é importante promover a divulgação da teoria e da técnica da Psicanálise Vincular. Lembrou que o atendimento dentro dessa técnica não é interpretar as pessoas na presença dos outros, mas sim trabalhar o vínculo,

na perspectiva de considerar a mente individual imersa em um mundo vincular.

É um trabalho que demanda uma formação específica, pois deve-se levar em consideração a força do inconsciente reprimido, que se repete e se atualiza nas escolhas de objeto, bem como nas interferências do outro da relação. Lúcia informou que há um projeto de ciclo de estudos aberto a todos os membros da Febrapsi.

Num segundo momento, Lúcia apresentou na mesa sobre Transmissão Transgeracional um caso clínico com muita sensibilidade e delicadeza, que mobilizou emocionalmente os participantes. O relato do atendimento de um casal cuja herança transgeracional de ambos modelava a relação e repercutia sensivelmente na saúde mental do filho. Lúcia falou da especificidade do trabalho vincular, observando que se o trauma não for simbolizado pode ser trabalhado com psicanálise vincular.

Houve grande interesse por parte dos congressistas mais jovens em participar da exposição "Transgeracional", o que resultou numa enorme fila de pessoas para entrar

na sala, que se depararam com número limitado de lugares. Curiosamente, houve comportamentos regressivos.

Psicanálise e literatura

Carlos Vieira ministrou um curso sobre "Contribuição de Clarice Lispector aos Psicanalistas". Com fragmentos da obra de Clarice, Carlos se utilizou de uma linguagem clara, poética e sensível, com ligação estreita com a teoria psicanalítica. Cerca de 200 pessoas participaram com entusiasmo e reconhecimento da importância da conexão da literatura com a psicanálise. O curso foi realizado nos três dias do Congresso, com duração de uma hora cada dia. Usando textos, crônicas e fragmentos da Fortuna Crítica sobre a obra de Clarice, todo o programa consistiu em fazer uma correlação entre literatura e psicanálise, principalmente naquilo que a obra da autora apresenta como uma contribuição rica no sentido da apreensão da realidade psíquica. Além disso, foi dado a todo momento ênfase naquilo que Carlos denominou de "Método Clariciano", no sentido de colaborar com a observação dos



Nova Diretoria da Febrapsi

fenômenos psíquicos do existir humano. A partir da obra dessa autora, o psicanalista apresentou contribuições para a técnica de observação, apontando a procura de uma linguagem em busca de experiências primitivas do funcionamento mental do “animal humano”. Finalizando sua exposição, Carlos Vieira lembrou aos participantes do curso a real importância da literatura na formação dos psicanalistas.

Nelson Rocha falou sobre a necessidade dos psicanalistas na sociedade. Vejamos um trecho de seu importante pronunciamento: “É nossa obrigação enquanto cidadãos responsáveis engajarmos-nos na luta pela diminuição da abissal desigualdade socioeconômica em nosso país. Desigualdade que sabemos ter a ver com tudo isso que foi citado: colonização, desenvolvimento agrícola que implicou nos grandes latifúndios, escravização de seres humanos, abolição de tal escravidão sem nenhuma responsabilidade e atenção”.

Para Rocha, saber a origem desses problemas e explicá-los não resolve a questão. “Na qualidade de cidadãos podemos agir de várias formas: engajamento político, movimentos sociais, financiamentos, assistencialismo etc. E enquanto psicanalistas, o que fazer com isso? Sabemos fazer psicanálise no divã, estamos desenvolvendo essa técnica há mais de cem anos. Fora do divã ainda engatinhamos. Penso que temos de desenvolver técnicas de extensão da psicanálise, de uma psicanálise inclusiva, formas de presença da psicanálise na discussão e na busca de soluções para essas questões. Não de maneira assistencialista, servil, que pode até ser confundida com fantasias de reparação. Falo de atitude, de ação, de desenvolvimento e difusão de técnicas psicanalíticas, metapsicologicamente fundamentadas”.

Rocha disse que os psicanalistas devem se perguntar como usar

sua capacidade de olhar para dentro para poder ter um olhar para fora – no caso o objeto além do consultório. “Acho que esse é o nosso desafio e a nossa responsabilidade no final do primeiro quarto deste século! Nossa responsabilidade enquanto psicanalistas, enquanto sociedade de psicanálise, enquanto Federações de Sociedades de Psicanálise. Fico feliz e entusiasmada de ver que no programa deste Congresso há várias mesas de discussões sobre essas reflexões. Que o tema do próximo congresso da Fepal no ano que vem esteja voltado para essa necessidade.”

Fica para nós, psicanalistas da Sociedade de Psicanálise de Brasília, a incumbência de nos determos na questão do atendimento social e almejar um projeto dentro da nossa Sociedade.



Mirian Ritter, Roosevelt Cassorla, Nelson Rocha, Ronis Magdaleno e Lia Campos



Carlos de Almeida Vieira, Mirian Ritter e Aurea Cerqueira

Maria Helena e Ronaldo Castro são homenageados pela SPBsb

Ronaldo Mendes de Oliveira Castro e Maria Helena Lima de Oliveira Castro, receberam, no dia 15 de junho (2023), uma placa em sua homenagem, na qual a Sociedade de Psicanálise de Brasília manifesta gratidão e carinho por compartilharem com os membros da instituição sua amizade, dedicação, conhecimento e experiências.

A placa de homenagem foi entregue na residência do casal por membros da atual diretoria da SPBsb, que também levaram flores e agradeceram pessoalmente, em nome de toda a diretoria, a dedicação de ambos, destacando que é um privilégio da Sociedade tê-los como membros, professores e amigos, bem como fazerem parte da história da instituição.

Ronaldo é membro titular e analista didata da SPBsb e também membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Foi um dos pioneiros na criação da SPBsb, quando Virgínia Bicudo decidiu fundar a instituição em Brasília. Maria Helena também é membro titular da SPBsb e membro associado da SBPSP. Ambos foram professores titulares do Instituto Virgínia Leone Bicudo, da SPBsb. Ronaldo, como didata, também fez supervisões para a apresentação de relatórios de membros filiados e lecionou no curso de pós-graduação em Teoria Psicanalítica do UniCeub – feito em parceria com a Sociedade –, onde deu aulas sobre Wilfred Bion.

Por ocasião da entrega da placa e das flores, Ronaldo e Maria Helena fizeram fotos com a presidente da SPBsb, Mirian Ritter, a secretária, Áurea Cerqueira, e a então diretora científica e atual diretora do Instituto, Ana Velia Osella. Os demais membros da diretoria, por motivos diversos, lamentaram não poder estar presentes, mas mandaram abraços e lembranças ao casal, entre os quais a diretora de Comunicação e Divulgação, Helena Daltro Pontual, a tesoureira, Maria de Lourdes Zilli Guimarães, o diretor do Instituto, Carlos de Almeida Vieira e o diretor de Comunidade e Cultura, Carlos Wilson de Andrade Filho. Ronaldo e Maria Helena gravaram um vídeo juntos sobre a homenagem que receberam. Assista [aqui](#)



Maria Helena Castro, Ronaldo Castro e Mirian Ritter



Ana Velia Vélez, Maria Helena, Ronaldo e Aurea Cerqueira



Observação e transformações na clínica

Carlos Wilson de Andrade Filho
Diretor de Comunidade e Cultura

O primeiro trabalho na Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) com um Grupo de Observação Clínica foi realizado nos dias 20 e 21 de outubro de 2023. Formado por cinco membros da Sociedade e do Instituto Virgínia Bicudo, que atendem pelo Centro de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise (Cenapp), o grupo foi orientado pela metodologia denominada Modelo dos 3 Níveis dos Working Party da International Psychoanalytical Association (IPA).

Durante 12 horas, o grupo observou o material clínico de um processo analítico de mais de sete anos. O trabalho do grupo foi coordenado por Luísa Perez, membro associado da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) e membro do Comitê de Observação Clínica da IPA, e por Bruno Salésio S. Francisco, membro titular e didata da Sociedade Psicanalítica de Pelotas, membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e membro consultor do Comitê de Observação Clínica da IPA.

O material clínico foi apresentado pela psicanalista da SPBsb, Aurea Chagas Cerqueira, e a relatoria foi de Kátia Macedo, membro associado da Sociedade de Brasileira de Psicanálise de Goiânia.

O Modelo do Working Party (WP) dos 3 Níveis destaca a observação clínica em três níveis: o fenomenológico, onde se discute a descrição fenomenológica das transformações; o de identificação das principais dimensões diagnósticas da mudança, e as hipóteses explicativas das transformações.

Bruno Salésio agradeceu, em nome do Comitê de Observação Clínica (COC) da IPA, a oportunidade de realizar o trabalho na SPBsb: "Fiquei positivamente surpreso pelo entrosamento grupal em direção ao objetivo do trabalho. Valeu. Para outros desdobramentos, podem contar comigo", afirmou Salésio.



Da esq. para dir.: Luísa Perez, Adley Ramos, Fernanda Lacerda, Bruno Salésio, Kátia Macedo (SBPGO), Teresa Lírio, Aurea Cerqueira e Vanderli Frare

Working Party IPA

Aurea Cerqueira

Membro associada e secretária da SPBsb



Nos dias 20 e 21 de outubro, vivenciei um momento rico de experiência, juntamente com colegas da SPBsb, em um grupo de observação clínica, com o patrocínio da IPA, sob a coordenação dos colegas Bruno Salésio Francisco, da SPPel, e Luisa Perez, da Associação Psicanalítica do Uruguai. O grupo também contou com a colaboração inestimável da colega Kátia Barbosa Macêdo, da SBPG, no registro das principais ideias e conclusões discutidas.

Nessa oportunidade, apresentei material clínico para discussão sob os três pontos de vista propostos por esse modelo de trabalho: Fenomenológico (nível I); Dimensões diagnósticas da mudança (nível II) e Hipóteses explicativas das transformações (nível III).

Foram doze horas de um trabalho intenso, desenvolvido sob um clima muito amistoso, com especial respeito às diferenças de perspectivas sobre o material clínico observado. O trabalho

contou com a participação ativa e valiosa dos colegas e da equipe moderadora para a compreensão do processo de mudanças psíquicas do paciente ao longo das sessões psicanalíticas apresentadas.

Como não me sinto com pleno domínio dessa metodologia, a ponto de explicitá-la com a precisão técnica necessária, descrevo aqui os procedimentos apenas em linhas gerais. Como primeira atividade, fiz a leitura integral e em voz alta do material clínico, procurando me manter fiel ao tom original dos desdobramentos das sessões registradas. Esse material clínico, previamente preparado por mim e analisado por cada participante uma semana antes do evento, contemplou uma seleção de várias sessões realizadas ao longo de um período aproximado de três anos de análise de um mesmo paciente. No momento dessa primeira etapa do trabalho presencial, o grupo foi orientado pelos coordenadores a escutar sem interrupções.

Numa segunda etapa, a orientação foi no sentido de que o grupo se manifestasse em relação as suas impressões sobre o material lido, e a analista se mantivesse em silêncio. Nesse momento, cada participante teve a oportunidade de expressar suas percepções e realizar conjecturas acerca do material. As manifestações contemplaram dúvidas, inquietações e questionamentos, os quais foram debatidos no grupo, em clima

cordial e colaborativo, sem a interferência da analista.

Na sequência, os coordenadores estimularam o grupo a identificar os principais momentos e indicadores de mudanças nas sessões analíticas apresentadas, ainda sem a participação ativa da analista nas discussões.

Numa terceira etapa, a orientação foi a de que a analista fizesse alguns esclarecimentos acerca do que foi exposto pelo grupo. A analista deveria se ater ao questionado, sem, no entanto, fornecer maiores detalhes, a fim de que se pudesse focar a atenção no aspecto de observação clínica, proposta fundamental desse modelo de trabalho.

Por fim, como última etapa do evento, os coordenadores pediram que os participantes preenchessem um formulário com as impressões gerais acerca do conteúdo e da dinâmica do trabalho realizado. Esse formulário continha os seguintes tópicos: conclusões individuais antes do começo da atividade grupal; consenso grupal sobre a mudança global do paciente após a discussão grupal; conclusões individuais depois da discussão grupal (contemplando os níveis I, II e III, mencionados no início deste relato) e avaliação da discussão grupal.

Essa experiência contribuiu, de forma significativa, para a nossa capacidade de observação clínica e percepção das possibilidades de transformações num processo psicanalítico.

Psicanálise, regulação e tensão*

Silvia R. Acosta

Membro da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e do Comitê de Estudos sobre Diversidade Sexual e Gênero da IPA

Carlos Frausino

Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Juan Pinetta

Membro da Associação Psicanalítica Argentina (APA)



Em uma aprazível noite, alguém pode, despreocupadamente, estar conduzindo seu carro conversível por uma larga avenida, em velocidade de cruzeiro, cortando semáforos do amarelo para o vermelho, supondo que nada cruzará seu caminho. Até que a realidade se imponha por meio de um caminhão que corta um semáforo do amarelo para o verde.

Sabemos que os semáforos são dispositivos de segurança e de ordenamento do fluxo de automóveis e pedestres e a psicanálise atravessou muitos sinais amarelos.

Essa alegoria parece trivial, mas está vinculada à realidade em que nossa *práxis* está imersa e com a capacidade que nós, analistas e instituições, temos de sentir a realidade, aprender e apreender experiências. Mas, também, sabemos que os maus momentos, desagradáveis, geralmente são submetidos ao porão do esquecimento.

Há poucos anos, a Assembleia

Nacional da França quase proibiu a psicanálise de tratar o autismo e, mais, submetia “responsabilidade penal” aos profissionais de saúde mental que se posicionassem contra os “avanços científicos”. Ao final do processo, a psicanálise venceu a batalha. Não foi aprovado. Mas a não aprovação foi um alarme que, embora europeu, deveria ecoar fortemente em nossos continentes. Sabemos que a psicanálise sempre teve conflitos com a *Lei*, nasceu como resultado disso, como *revelação, rebeldia e subversão*. Um saber *marginal*. Deixaremos o termo *Lei* sem delimitá-lo, deixando-o à sua multiplicidade de sentidos e polifonia. Mas há um fato irrefutável: a “realidade” sempre se impõe.

Ainda hoje, muitos colegas continuam sustentando que o envolvimento de nossas instituições em questões regulatórias, legislativas e políticas públicas de saúde mental não se adequa à nossa especificidade, pois estamos além desses poderes.

Alguns também dizem que não temos que prestar contas de nossas práticas, de nossa clínica, pois não temos que nos submeter ao poder hegemônico normativo das estatísticas, dos diagnósticos nem dos poderes do saber médico-psiquiátrico.

É tudo verdade: a nossa ética é a do “um a um”, uma prática impossível de se normatizar, já que estamos nos dedicando à *singularidade do singular* que representa o paciente, desde sua irreduzível subjetividade e de seu inconsciente.

Também se argumenta que as leis aprovadas (portarias, resoluções e decretos) não afetam nossa prática. Estamos além disso, pois “quem tem o desejo de se analisar chegará aos nossos consultórios”, outro dado da realidade que também não se questiona.

A realidade de um parlamento francês que quase proíbe a psicanálise de tratar patologias como o autismo não é importante; tampouco que no Congresso

Nacional argentino existam projetos de lei que definem e regulamentam quais tipos de terapias, de certas patologias relacionadas à saúde mental, devem ser financiadas (especificando, claro, às questões neuro-genéticas-comportamentais). Também não importa que na Espanha houve, em 2018/2019, um ataque contra a psicanálise, ou que no Parlamento brasileiro, frequentemente, há projetos de lei que buscam regulamentar o nosso ofício, com os mais diversos critérios e com distintos interesses patrocinadores.

Parece que tudo isso não importa, em uma época marcada pela aceleração da velocidade da circulação de informações, pelo rompimento das relações de tempo e espaço, pelo incentivo massivo à produtividade das pessoas, o rompimento de arcabouços institucionais que proporcionam a solidariedade, o ressurgimento do negacionismo, as mais diversas formas de preconceitos que afloram intensamente e capilarmente nas nossas sociedades, o fim dos estados de bem estar social, a crise ambiental etc...enfim, a lista é muito extensa.

Recentemente, um grupo de psicanalistas da Sociedade Espanhola de Psicanálise publicou na revista *Questões de Psicanálise* um artigo intitulado “Sobre a psicanálise e psicoterapias de orientações psicanalítica”, no qual, além de enumerar um conjunto de pesquisas e abordagens científicas sobre os efeitos da psicanálise, faz uma convocação para a “regulamentação da prática profissional da saúde mental tanto no público quanto no privado”. (Laguna *et al.*, 2019).

Isso em meio a ataques diretos à psicanálise na Espanha, com postulações de instituições que afirmam ser a psicanálise uma “visão puramente filosófica, totalmente alheia à ciência, ... [que]

como terapia nunca foi validada [cientificamente]”, de acordo com a APETP (Asociación para Proteger al Enfermo de Terapias Pseudocientíficas).

Não é a primeira vez que isso acontece. O filósofo da ciência argentino Mario Bunge atacou, durante anos, a prática psicanalítica, enfrentando o falecido Gregório Klimovsky. No Brasil, nos anos 1930, ocorreu um forte embate na Faculdade de Medicina de São Paulo acerca da eficácia terapêutica do método psicanalítico entre grupos de Antônio Carlos Pacheco e Silva e Durval Belegarde Marcondes. Recentemente, no Brasil, este debate novamente ocorreu no seio da comunidade psicanalítica e na grande imprensa.

Claramente não é algo novo, nada novo. Na primeira edição da *Revista Argentina de Psicanálise*, em 1943, Franz Alexander observou como alguns clínicos ortodoxos e conservadores julgavam esses fatos [o desenvolvimento psicanalítico] como uma ameaça aos fundamentos da medicina científica arduamente adquiridos e importantes autores alertavam contra esse novo “psicologismo” considerado incompatível com a medicina como uma ciência natural. (1943, p. 4)

A publicação dos colegas espanhóis Laguna, Camon, Requejo e Romera associou-se quase ao mesmo tempo com outra acerca do mesmo tema, está no Observatório Psicanalítico da Febrapsi, no Brasil, em texto assinado por Wilson Amendoeira (SBPRJ).

Vale uma nota, na Argentina há uma Lei de Saúde Mental que exige que os profissionais atuantes nessa área tenham formação em psicologia e medicina (anteriormente reservado apenas para médicos e psiquiatras). Em outros países, como o Brasil, Peru e Venezuela não há legislação que trate do exercício da psicanálise.

No Brasil, a psicanálise é um

ofício, não é uma profissão, não há legislação que a regule, apesar das várias tentativas de regulamentação do ofício por meio de projetos de lei. No entanto, Wilson Amendoeira alerta que os evangélicos afirmam ter “treinado cerca 25.000 psicanalistas”, o que dá uma dimensão dos impasses de tais questões no Brasil.

Vale também registrar, mais uma vez, que frequentemente, quase que semanalmente, a Febrapsi recebe informações de tais *cursos, sindicatos, conselhos* etc. Antes da pandemia, tínhamos notícias frequentes de cursos de formação, *sindicatos, conselhos* e de profissionais sob a égide de credos religiosos tais como: psicanálise cristã, psicanálise xamânica, a formação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB) etc.

Recentemente, a oferta de tais cursos não está mais circunscrita ao campo religioso e, agora, estão pautados por uma lógica puramente mercantil, associados a grandes grupos econômicos, com a assessoria de profissionais qualificados, nos quais a educação e a psicanálise são apenas *mercadorias*. Um processo de *mercantilização da psicanálise*. Um processo sem volta?

Como é o caso do curso de bacharelado em psicanálise lançado pelo Centro Universitário Internacional [Uninter](#), no Paraná. Representam um grande grupo econômico associado à educação com mais de 500 mil alunos e 400 cursos de graduação e pós-graduação. Ademais, é necessário ressaltar que tal bacharelado em psicanálise está de acordo com legislação educacional brasileira. Não há irregularidade.

Isso pode não ser relevante no âmbito da IPA, pois as formações, em nossos Institutos, são pautadas por uma ética ancorada na intensidade e no rigor da formação contínua, das

supervisões e das análises pessoais. Estamos alheios à regulação dos Estados, nossas formações são reguladas e regulamentadas pela IPA.

Aumentando a problematização desse aspecto e dadas as especificidades das nossas formações, Amendoeira ressalta as dificuldades intrínsecas a uma regulamentação da formação e do nosso ofício, mas reafirma a necessidade de que as nossas instituições estejam presentes nas discussões acerca desse tema.

Na Argentina, a partir da APA, foi criada a Comissão de Interação com o Parlamento, que faz o intercâmbio com órgãos parlamentares e executivos, tentando cruzar as várias propostas legislativas, discursos e a compreensão psicanalítica. Não é a única iniciativa nesse sentido nas nossas associações.

Em 2000 foi criado, por iniciativa da Febrapsi e outras instituições psicanalíticas, o “Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras” para discutir a formação de psicanalistas e a prática psicanalítica. O “Articulação” também foi constituído em um espaço de discussão de propostas legislativas que visam regulamentar a profissão de psicanalista. Vale notar que nenhum projeto de lei, nessa direção, foi aprovado pelo Parlamento brasileiro.

No caso da Argentina, embora possa ser dito que até agora a psicanálise está “protegida” de ataques que refutam a efetividade do método psicanalítico, há iniciativas parlamentares que representam um forte ataque à psicanálise, especialmente com a geração de projetos regulatórios que validam as práticas terapêuticas “baseadas em evidências científicas”. Esses fatos geram naquele país discursos “científicos” que são assimilados pelos formuladores de políticas

públicas em Saúde e Saúde Mental. Em 2017, as associações APdeBA, APA e EOL emitiram um comunicado alertando sobre essas iniciativas que favoreceram o surgimento de políticas públicas em saúde mental em detrimento da subjetividade, com base em conjuntos de dados estatísticos que visam gerar meros protocolos.

É interessante apontar o surgimento de novas práticas autorizadas por instituições privadas de saúde e em associações e sociedades classistas, que têm o status de psicoterapias, em áreas com curta formação, de dois ou três anos, e que, muitas vezes, não possuem treinamento clínico ou psicopatológico.

Diante desse quadro emergem algumas questões: quais os limites da psicanálise (na sua formação/transmissão e ofício) para realizar uma transição para a regulamentação e/ou regulação? É possível tal movimento dentro do escopo ético, teórico, clínico e cultural da psicanálise? Ao mesmo tempo em que, em algumas localidades, a ausência de regulamentação estatal permite a proliferação de todo tipo de práticas que utilizam até mesmo o rótulo psicanalítico sem ser endossado pelo tripé e pela ética formativa; em outras, a lei pode acabar criando obstáculos à nossa prática dentro das nossas especificidades.

Nesse sentido, como evitar essa articulação com as normas jurídicas que “ultrapassam” o método e os procedimentos psicanalíticos? Podemos evitar a regulamentação? É possível escapar desses enquadramentos normativos?

Paradoxos da nossa prática, mas também de nossas vidas. Estaremos sempre diante de aspectos da realidade que não devemos subestimar, pois impactam diretamente em nosso ofício e cotidiano. Dessa forma e nesse

quadro, a questão emergente é: até onde podemos trilhar fora dos arranjos institucionais da legislação de cada país seguindo a nossa ética da formação psicanalítica e do exercício de nosso ofício?

Sigmund Freud queria estender o acesso da psicanálise à sociedade. Será que tal movimento pode implicar à liquefação da especificidade da psicanálise e da sua regulamentação/regulação positivo-científica? Indagações sem respostas.

Referências

- Alexander, F. (1943). Aspectos psicológicos de la Medicina. *Revista Argentina de Psicanálise*, 1(1), 63-82.
- Amendoeira, W. (2019). Notas sobre a questão da regulamentação. *Observatorio Psicanalítico da Febrapsi*. Disponível [aqui](#)
- Frausino, C (Org.) (2022) *Ofício de psicanalista: impasses, desafios e perspectivas*. Federação Brasileira de Psicanálise. [Recuperado em 31/11/2023] Disponível [aqui](#)
- Philonenko, A. & Rabain N. (2017). Psicoanálisis, autismo y política: el voto del 8 de diciembre 2016 en Francia. *Topia. Un sitio de psicoanálisis, sociedad y cultura*. Disponível [aqui](#)
- Machado, A. P. T. (s.d.). Sobre a regulamentação da profissão de psicanalista. *Federação Brasileira de Psicanálise*. Disponível [aqui](#)
- Laguna, V.; Camón, R.; Requejo, B. & Romera, A. (2019). *Sobre el psicoanálisis y las psicoterapias de orientación psicoanalítica*. Disponível [aqui](#)

* Este texto é uma versão modificada do trabalho originariamente publicado em *Febrapsi Notícias*. Febrapsi. n. 61, junho de 2019 e na *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, v. 37 (1) 127-0, 2021/2022.

A Conexão Profunda entre Psicanálise e Arte

Carlos Wilson de Andrade Filho
Diretor de Comunidade e Cultura

A renomada artista plástica mineira, Julia Panadés, participou de audiências em dois eventos distintos da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) que mergulharam nas complexidades da criação artística e da expressão poética.

No dia 19 de maio de 2023, Panadés ministrou a palestra “Ela, a Criação”, explorando os vínculos entre a psicanálise e a arte. O evento, realizado pela Diretoria de Comunidade e Cultura, em colaboração com Aline Sant’Anna Ferreira da Silva e Nadja Rodrigues de Oliveira, do Instituto Virginia Bicudo, atraiu profissionais da saúde mental e membros da SPBsb. Os temas abordados incluíram o processo criativo, a relação entre o inconsciente e a criação, além da influência das pulsões e dos desejos na produção artística. A apresentação provocativa de Panadés gerou debates enriquecedores, lançando luz

sobre a interseção única desses campos. No dia seguinte, 20 de maio, Panadés conduziu o ateliê “O Poema do Começo”, uma experiência imersiva na escrita poética. Participantes tiveram a chance de experimentar diversas técnicas de escrita, promovendo a imaginação e a exploração dos processos internos envolvidos na criação poética. Estruturado de forma interativa e colaborativa, o ateliê permitiu aos participantes compartilharem suas produções em um ambiente acolhedor. Julia é graduada em artes plásticas pela Escola Guignard/UEMG, mestra em artes visuais pela Escola de Belas Artes (UFMG) e doutora em literatura comparada pela Faculdade de Letras (UFMG).



Ateliê “O Poema do Começo”

O que eu vi e ouvi em Cartagena

Mirian Ritter
Presidente da SPBsb



Ao chegar ao centro de Convenções de Cartagena das Índias em Getsêmani, na calle 24, por uma rua muito estreita feita para carruagens e cavalos, situada no Centro Histórico da Cidade Murada, me deparo com um enorme edifício debruçado sobre o mar. Linda vista do mar azul com barcos navegando num dia quente e de pouco vento. Espio o *hall* de entrada e me deparo com uma cena colorida. Vejo os nossos poucos octogenários, astros de nossa psicanálise, de roupas clássicas protegidas pelo ar-condicionado, asiáticos com ternos e gravatas comportados. Mas, à medida que as idades vão diminuindo, aparecem os chinelos, sandálias coloridas, bermudas, camisetas de todos os modelos, numa informalidade ímpar com seus

tênis. Esse é o tom do Congresso. São “ventos” que anunciam que os novos tempos estão chegando, apesar de que novos tempos, em outra oportunidade, já foram anunciados.

Ao receber o programa do “IPA 53rd Congress Cartagena 2023 - *Mind in the Line of Fire* – 26-29 July 2023”, o “diferente” já se apresentou escrito nos discursos, palestras, cursos apresentados. Programa impecável, organizado, O Congresso de Cartagena estava em grande parte voltado para o social. Estamos em tempos das novas abordagens, estamos em tempo de pensar o novo, voltado para o olhar das dificuldades e diferenças da realidade. Observamos que certos temas eram preferidos pelos congressistas que preenchiam os enormes auditórios, enquanto outros ficam quase vazios.

O Congresso teve um enfoque social forte. A presidente da IPA, Harriet Wolfe, disse com todas as letras: “Uma psicanálise voltada para questões sociais”. Como representante da nossa Sociedade, procurei focar os trabalhos em que se discutia a teoria, a técnica e a participação das sociedades de psicanálise nas questões sociais e de como devemos, daqui para adiante, conduzir nossos projetos sociais. Ecoa nos meus ouvidos as

questões das dores do mundo. Novas técnicas psicanalíticas terão que ser usadas, inclusive em relação às dificuldades e diferenças da realidade social. Para mim, tem sido difícil me reportar a todos os temas tratados, ou aqueles em que estive presente, mas nas salas em que eu propositalmente frequentei, os temas como refugiados, holocausto, terremotos, tragédias bélicas, fanatismos religiosos, polarização tóxica, Rússia x Ucrânia e imigração africana estavam presentes em relatos clínicos e enfocados, principalmente, como experiências traumáticas. Para os expositores, a questão do trauma precisa ser melhor entendida e “o psicanalista poderia oferecer ferramentas para a população lidar com essas tragédias”. Diante das dificuldades de tragédias e catástrofes, a psicanálise poderia “agir como mediadora”. “O psicanalista precisa estar mais próximo da população e a resiliência é a regra”. Foram algumas frases que ouvi. Parece que o tripé psicanalítico está com seus dias contados, se a maioria assim o desejar. Sessões de três a quatro vezes por semana não é mais a regra, até ouvi que “um relatório para passagem para membro associado pode ser feito com uma sessão semanal se o

paciente não puder pagar o preço por três sessões. A psicanálise não é definida pelo número de sessões”.

Apareceu a sugestão em uma palestra de se associar a psicanálise com o psicodrama ou psicologia cognitiva. Voltou-se a falar na Faculdade de Psicanálise e que os psicanalistas deveriam fazer carreira profissional dentre das sociedades, culminando com a proposta de uma “Psicanálise Mestiça”, fundamentada em Freud, 1918. A “Psicanálise Mestiça” foi amplamente defendida por analistas dos países andinos.

Vi ainda muitas propostas de psicanálise voltada “para fora dos consultórios”: “O analista terá que ir além de seus consultórios”. Fui convidada para ver a apresentação de um trabalho muito interessante com um grupo de integração entre psicanalistas da Alemanha, Israel, Inglaterra e Estados Unidos, cujo objetivo era discutir “as feridas da guerra”.

Há também novas perspectivas de atendimento de crianças com suas famílias como, por exemplo, “a escuta do medo”, com análises familiares com cinco ou oito sessões.

Em uma de suas apresentações no Congresso, Cláudio Eizirik enfatizou o momento que vivemos: instituições psicanalíticas em tempo de mudanças e crises. Assinalou os processos conscientes e inconscientes do funcionamento institucional e ponderou que nós psicanalistas devemos proteger o nosso legado e aprender a viver em um mundo que está em constante mudança, enfrentando crises da psicanálise

como enfrentamos a pandemia. Para Eizirik, o cerne da IPA é a interação entre as pessoas. Lembrou que nos primórdios, a IPA era autoritária, mas evoluiu com o crescimento do número de membros, a criação de novas sociedades e os novos tempos em que vivemos.

Beth Mori recebeu prêmio pelo Observatório Psicanalítico (OP) do grupo “IPA na Comunidade e nos prêmios mundiais” na categoria de Cultura (*IPA in Culture*). Criado em 2017, o OP segue publicando textos sobre cultura, política, questões sociais, nacionais e internacionais, sempre com o olhar atento dos psicanalistas de todo o país, ampliando a compreensão desses temas por meio da psicanálise. Além da palavra escrita, o OP inaugurou, em março de 2022, o *Mirante*, *podcast* que, a cada episódio, recebe um psicanalista e um convidado de outra área de conhecimento para debaterem assuntos da contemporaneidade. Atualmente, o OP conta com a equipe de curadoria composta por Beth Mori (SPBsb), Ana Valeska Maia (SPFOR), Daniela Boianovsky (SPBsb), Gabriela Seben (SBPdePA), Gizela Turkiewicz (SBPSP), Helena Cunha Di Ciero (SBPSP) e Vanessa Corrêa (SBPSP).

Paola Amendoeira compôs o dia de trabalho do Comitê para as ações humanitárias no Pré-congresso da IPA em Cartagena “*Thinking and being in the presence of trauma, flight and war: working psychoanalytical in the face of overwhelming emotional states*”, apresentando o trabalho “*Psychoanalysis opens space at the defense table of the trauma of*

the human rights”. Nesse trabalho, apresentou a visão da psicanálise sobre a vida moderna e sua relação com os objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. O texto destaca a importância da mobilidade para a sobrevivência e bem-estar dos organismos que compõem nosso planeta e como a psicanálise pode contribuir para a defesa dos direitos humanos ao promover a saúde mental para todos e trabalhar em prol da justiça social. Também menciona a história da psicanálise na América Latina e a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte presente na luta pela sobrevivência humana.

No Congresso, Paola participou do lançamento do livro “*Trauma, Flight and Migration - Psychoanalytic Perspectives*” (editado por Vivienne Elton, Marianne Leuzinger-Bohleber, Gertraud Schlesinger-Kipp e Vivian B. Pender pela Routledge), com o capítulo “*The Psychoanalyst, psychoanalysis and human rights - a perspective that instigates us*”, onde discute a relação entre psicanálise e direitos humanos. O texto apresenta reflexões sobre a condição humana, a experiência de se tornar psicanalista e a necessidade de espaços de encontro, troca, acolhimento e pertencimento. Também são abordados temas como o enigma do feminino, a experiência do analista em um *setting* ampliado e o sofrimento daqueles que vivem em situações traumáticas. Aborda ainda os desafios enfrentados pela psicanálise na promoção dos direitos humanos e como a psicanálise pode ajudar a

compreender e lidar com questões de violência e opressão.

Maria Luiza Gastal escreve: “Eu não fui ao congresso, mas escrevi um trabalho que foi apresentado em uma mesa redonda pela coordenadora da mesa, Lynne Zeavin, psicanalista da Associação Psicanalítica de Nova Iorque e membro (como eu) do Comitê de Clima e Psicanálise da IPA. A mesa também contou com a participação de Cosimo Schinaia da Sociedade Psicanalítica Italiana”. O título da mesa foi “Necropolítica: mundos de vida e mundos de morte”. Disse mais: “Em meu texto, discuti a relação entre natureza e cultura, a partir da perspectiva da psicanálise e de culturas não-ocidentais, bem como de Winnicott, que enfatiza uma ética de cuidado baseada na relação mãe-bebê e na feminilidade. Argumento que a visão moderna, na qual Freud se apoiou, vê a natureza como uma ameaça à cultura e é limitada e eurocêntrica”. Chega ao fim meu trabalhoso relato. Foram horas e horas fazendo e refazendo, numa tentativa de mostrar de forma mais clara possível o Congresso de Psicanálise da IPA para vocês, meus colegas da SPBsb. Nós não iremos parar por aí. O que aconteceu em Cartagena será o lema para novas reuniões e decisões. Espero que este ano de 2024 seja um ano de maior proximidade entre nós. Sinto que no ano de 2023 progredimos um tanto!



Membros da SPBsb promovem almoço de confraternização

Os membros da Sociedade de Psicanálise de Brasília participaram de um almoço de confraternização no dia nove de dezembro. Como de costume, a anfitriã foi a colega Maria José Miguel, membro associada da SPBsb, sempre muito acolhedora e amável ao oferecer sua bela e ampla casa para os encontros festivos da nossa Sociedade.

Os que participaram do evento – ao todo 39 pessoas se inscreveram – foram unânimes ao elogiar o capricho da anfitriã, atenta a todos os detalhes relativos à decoração da casa, à recepção e ao buffet servido. Um encontro para trocas de conversas e afetos que será sempre lembrado por todos.



CURSOS E GRUPOS DE ESTUDOS

Grupo de estudos preparatórios - Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa

Coordenação: Sílvia Helena Heimburger
Um sábado por mês - 16h

Grupo de Estudos - Psicanálise vincular: Casal e Família

Coordenação: Nize Nascimento
Encontros quinzenais - sextas-feiras - 15h

Grupo de Estudos - Sexualidade e Gênero - Cowap-SPBsb

Coordenação: Daniela Yglesias de Castro Prieto
Encontros mensais - quartas-feiras - 20h30

Curso de Extensão - Estudos da Obra de W.R. Bion

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
2º sábado do mês - 15h

AGENDA NACIONAL E INTERNACIONAL

Curso de Férias - As Origens do Psiquismo nas diferentes correntes psicanalíticas

11 a 25 de janeiro de 2024 – *on-line*
SBPdePA
Informações: [clique aqui](#)

Curso de Psicanálise de Criança – Atualizações em Teoria e Técnica

4 de março de 2024 (início) – *on-line*
SBPRP
Informações: [clique aqui](#)

Curso Introdutório ao Atendimento Psicanalítico da Infância e Adolescência

5 de março de 2024 (anual) – *on-line*
SBPSP
Informações: [clique aqui](#)

O Mito do Masculino

7 a 9 de março de 2024 - modalidade não informada
SPPA
Informações: [clique aqui](#)

CORPO DIRETIVO SPBsb

DIRETORIA

Presidente: Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregorio
Diretor do Instituto: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella
Diretora Científica: Daniela Yglesias de Castro Prieto
Diretor de Comunidade e Cultura: Carlos Wilson de Andrade Filho
Diretora de Comunicação e Divulgação: Helena Lopes Daltro Pontual
Secretária: Aurea Chagas Cerqueira
Tesoureira: Maria de Lourdes Zilli Guimarães

BIBLIOTECA: Aurea Chagas Cerqueira

CENAPP - CENTRO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

Coordenação geral: Nize Nascimento
Componentes das sub-comissões: Cláudia Camargo Capiberibe, Luciano Espírito Santo, Patrícia Rebouças Malva Guiot

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Diretora: Helena Daltro Pontual (editora do Boletim Informativo)
Membros: Paola Amendoeira (editora) e Cláudia Carneiro (colaboradora) - Jornal Associação Livre

COMISSÃO DE ENSINO

Ana Velia Vélez de Sánchez Osella (coordenadora), Keyla Carolina Perim Vale, Sílvia Helena Heimburger, Líliana Dutra de Moraes e Teresa Cristina de Moura Peixoto

COMISSÃO DE PSICANÁLISE VINCULAR: FAMÍLIA E CASAL

Coordenadora: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho
Membros: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Carmen Maria Souto de Oliveira, Maria Lúcia de Aragão Canalli, Maria José Miguel e Nize Nascimento

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenação: Adriana de Souza Brill
Membros: Ana Velia Vélez, Erika Reimann, Luciano Antunes e Lúcia Cristina Pimentel

CONSELHO DE DIDATAS

Avelino Neto, Carlos de Almeida Vieira, José Nepomuceno Filho, Márcio Nunes de Carvalho, Maria de Fátima Malva, Regina Lúcia Braga Mota, Roberto Calil Jabur, Ronaldo M. de Oliveira Castro, Sílvia Helena Heimburger e Tito Nícias Teixeira da Silva

REVISTA ALTER

Veridiana Canezin Guimarães (editora)
Carlos Wilson de Andrade Filho (coeditor)

SETOR DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Líliana Dutra de Moraes (coordenadora)

SECRETARIA ADMINISTRATIVA: Flávia Alvim e Lannusa Castro

EXPEDIENTE

Boletim Informativo da SPBsb - edição trimestral
Editora responsável: Helena Daltro Pontual
Editoração: Lannusa Castro

Sociedade de Psicanálise de Brasília SPBsb
SHIS QJ 09 Bl. E-1 sala 105 - 71625-175
Brasília-DF - (61) 3248-2309 - spbsb@spbsb.org.br - spbsb.org.br